

Polidez em sala de aula: uma estratégia interacional

Rosana Ribeiro Ramos ¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP)
rribeiroramos@yahoo.com.br

***Abstract:** The objective of this paper is to demonstrate the “Maxims of Politeness” (Lakoff, 73) being used in a Portuguese Language class, as an interaction strategy. The analysis will show that, in that specific situation, the meanings constructed by those conversational strategies used by the teacher collaborated with the success of the teacher/student interaction, in the sense that a productive dialogue was established.*

***Keywords:** politeness; strategy; interaction; classroom; face.*

***Resumo:** O objetivo deste trabalho é demonstrar as “Máximas de Polidez” (Lakoff, 73) sendo utilizadas como estratégia de interação em aula de Língua Portuguesa. A análise mostrará que, naquela situação específica, os sentidos construídos por meio das estratégias conversacionais utilizadas pela professora colaboraram para o sucesso da interação professor/aluno, no sentido de se estabelecer um diálogo produtivo.*

***Palavras-chave:** polidez; estratégia; interação; sala de aula; face.*

Introdução

Neste trabalho, pretendo abordar a questão do uso da linguagem na interação professor/aluno, utilizando-me de um *corpus* selecionado a partir de observações de uma aula de Língua Portuguesa realizada em 21 de março de 2005. A aula foi ministrada para o Ensino Médio (período noturno) em uma escola pública, na periferia de São Paulo.

O objetivo específico é demonstrar de que maneira, no jogo interacional estabelecido em sala de aula, as estratégias utilizadas pela professora contribuíram para a construção de um espaço para expressão do aluno em situações de conflito. Interessa, portanto, analisar a maneira como os sentidos vão sendo construídos nas seqüências de falas pronunciadas; como esses sentidos afetam o outro; e, ainda, analisar as estratégias que foram utilizadas para dizer.

Para tanto, este trabalho está embasado nas teorias da Pragmática. Na primeira parte, será abordada a questão do jogo interacional construído na linguagem e pela linguagem, à luz dos estudos de Bakhtin em uma leitura de Beth Brait; nesta parte, também será abordada a “Teoria de Preservação das Faces”, de Brown e Levinson (1987). Na segunda parte, o *corpus* será analisado à luz da teoria da “Lógica da Polidez” formulada por Robin Lakoff (1973).

Para a transcrição do *corpus*, foram utilizadas as Normas para Transcrição do Projeto NURC.

1. O jogo interacional e a ameaça às faces

Ao longo da história tem-se entendido que a linguagem é o lugar privilegiado da interação. O discurso de um falante está sempre se constituindo conforme o discurso de seu interlocutor; assim, a linguagem intermedia uma situação de interação entre as pessoas. A interação é um fenômeno sócio cultural em que os participantes agem um sobre o outro; o comportamento verbal dos interlocutores durante a interação é passível de ser analisado e interpretado, conforme nos explica Beth Brait (2003):

“A abordagem interacional de um texto permite verificar as relações interpessoais, intersubjetivas, veiculadas pela maneira como o evento conversacional está organizado. Isso significa observar no texto verbal não apenas o que está dito, o que está explícito, mas também as formas dessa maneira de dizer, que, juntamente com outros recursos, tais como entonação, gestualidade, expressão facial etc., permitem uma leitura dos pressupostos, dos elementos que mesmo estando implícitos se revelam e mostram a interação como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociação, de trocas, de normas partilhadas, de concessões”.

No jogo interacional em que os interlocutores têm a intenção de agir um sobre o outro, há sempre a preocupação com uma imagem que se quer manter. Esta auto-imagem pública é chamada por E. Goffman (1977) de *face*. Mais tarde, os autores Brown e Levinson ampliam o conceito de *face* a partir dos estudos de Goffman, acrescentando, dentre outras coisas, que “a face é algo em que há envolvimento emocional e que pode ser perdida, mantida ou intensificada e que tem que ser constantemente cuidada numa interação”. Ainda segundo Brown e Levinson, há atos de fala que ameaçam a face (como ordens, pedidos, conselhos, promessas, elogios, críticas etc.); esses são chamados atos ameaçadores da face (em inglês: *face threatening acts* ou FTAs). Assim, no contexto de sala de aula, professores e alunos fazem parte de “um verdadeiro jogo para atenuar os efeitos das ameaças à face de um ou de outro” (Silva, 2003).

Nesta parte do trabalho, o objetivo é demonstrar, por meio de um fragmento do *corpus*, algumas estratégias utilizadas para preservação da face, naquele contexto de interação verbal. Observemos o fragmento abaixo:

Fragmento 1:

((ao comentar sobre Pablo Picasso, a professora mostrou uma transparência com um dos quadros do pintor))

- | | | |
|------|---------|--|
| (1) | Aluno | tenho um quadro desse cara aí psora |
| | Prof. | mais É um quadro meu amor... esse é O quadro |
| | Aluno | eu TENho um QUA-DRO |
| | Prof. | qual quadro... como é o nome? |
| (5) | Aluno | eu não sei ((todos riem)) |
| | Prof | um quadro do Picasso... você tem? ((tom pejorativo)) |
| | Aluno | ahah: (não) sei se é verdade::iro |
| | Prof. | ah:: provavelmente não... né? |
| | Aluno | por que não? |
| (10) | Prof. | querido... porque você não tem cacife pra ter um quadro do Picasso ((todos riem)) |
| | Aluna | en-gra-ça-di-nho |
| | Aluno.1 | traz o quadro pra eu averiguar aí () |
| | | [|
| | Prof. | NInguém tem aqui GEnte |
| | Aluno.2 | traz o quadro pra eu averiguar se (...) |
| (15) | Prof. | (...) você você tem uma representação... não é nem uma cópia... é uma representação... |

No exemplo acima, ao comentar sobre a obra de Pablo Picasso, a professora mostra um quadro do autor, representado em uma figura. Um dos alunos começa a dialogar com ela e diz que tem um quadro do pintor (linha 1). A professora comete um primeiro AAF (ato ameaçador da face) quando, na linha 4, pergunta qual é o nome do quadro que o aluno diz ter; essa pergunta caracteriza um AAF, pois expõe o aluno diante de seus colegas de classe (o resultado é que todos os colegas passam a rir dele). Na linha 6, a professora comete uma outra ameaça à face do aluno, ao perguntar em tom irônico: “*um quadro de Picasso... você tem?*”. Na continuação do diálogo, o aluno parece não entender muito bem o que estava ocorrendo e responde que não sabe se o quadro que possui é verdadeiro (linha 7). O “*nê*” utilizado pela professora na linha 8 demonstra que ela esperava que o aluno entendesse que o quadro que ele possui não é verdadeiro, porém, ele pergunta “*por que não?*” (linha 9), demonstrando não ter entendido. Novamente, na linha 10, a professora ironiza chamando o aluno de “*querido*” e dizendo que ele não teria dinheiro suficiente para possuir um quadro original do pintor. O resultado, novamente, é o deboche dos colegas.

Até esta parte, é possível observar que a professora comete AAF’s, colocando em risco a auto-imagem do aluno diante dos colegas. Porém, parece que, ao perceber que sua ironia poderia quebrar a interação com seu ouvinte particular (o aluno), a professora atenua, colocando tanto ela como todos os outros alunos em posição de igualdade àquele aluno: “*Ninguém aqui tem GENTE*” (linha 13). Nesse caso, podemos observar que a professora, ao amenizar sua fala, decide preservar a face do aluno obtendo também a preservação de sua própria face.

Podemos pensar também que, já na linha 1, quando o aluno se refere ao pintor Pablo Picasso como “*esse cara aí*”, existe nesse momento uma ameaça à face da professora. Dessa maneira, o uso da ironia, por parte dela, pode ser visto como uma forma de atenuar o efeito da ameaça. Assim, neste fragmento, fica clara a existência do jogo na interação verbal em sala de aula – um jogo no qual os interlocutores decidem por ameaçar a face do outro ou atenuar esta ameaça. Entretanto, a professora decidiu por atenuá-la, colaborando para a continuação do diálogo.

2. As “Máximas de Polidez”

Conforme Robin Lakoff, considera-se mais importante em uma conversação evitar a ofensa do que conseguir o objetivo de clareza². Complementando as regras de clareza formuladas por Grice, a autora diz que também buscamos comunicar um sentimento favorável a respeito da informação clara e objetiva. Este favorecimento se obtém com mais facilidade se conseguirmos que o ouvinte pense bem de nós. Assim, a autora formulou as “Máximas de Polidez”, cujo objetivo é fazer com que o ouvinte sintá-se bem³. Veja abaixo um esquema representativo das Máximas de Polidez:

Máxima	Regras
Não incomode (M1)	Mantenha-se distante; não se intrometa em assuntos alheios.
	Peça permissão antes de se interessar pelas posições de outras pessoas, ou, antes de formular uma pergunta de tipo pessoal.
	Use orações passivas e impessoais.
	Use sobrenomes, use tratamento de respeito.
	Use termos técnicos.
Ofereça alternativas (M2)	Permita que o ouvinte tome suas próprias decisões; deixe-lhe uma série de opções abertas.

	Use eufemismos
Faça com que o ouvinte sint-se bem – comporte-se amigavelmente (M3)	Efeito pretendido: que o ouvinte esteja cômodo; dá lugar ao tu que expressa solidariedade.
	Use sobrenomes, tratamento de respeito, apelidos, diminutivos carinhosos, nomes de batismo; use afagos e saudações.
	Use partículas como “quero dizer”, “você já sabe”.

No fragmento analisado a seguir, podemos observar a escolha da professora pelo uso da Polidez:

2.1 Ofereça alternativas e comporte-se amigavelmente

Fragmento 2:

((a professora estava explicando sobre a obra cubista))

- 1 Prof. (...) criando uma aparente anarquia... não é não? é ou não é? ... ((ninguém respondeu))
O::-OI:::: eu perguntei... não é NÃO?
- Aluno1 é
[
- Aluno2 o quê?
- 5 Prof. perguntei se vocês concordam
[
- Aluno1 é:: é anarquia professora
Prof. ah:: tá::... então você pode me dizer onde é que está a anarquia ali?
Aluno1 está ali no meio ((risos))
Prof. o que é ali no meio... o que que tem LÁ no meio?
- 10 Aluno1 um monte de tubo
Prof. um monte de quÊ?
Aluno1 de tubo
Prof. e eles representam o quê?
Aluno1 ()
- 15 Prof. o quÊ?
Aluno1 tá escuro
Prof. ah... tá escuro... mas você está vendo algumas formas
Aluno1 tem uma vaca lá em cima
Prof. tem uma vaca... estou vendo a vaca ... é um pedaço da vaca... o que mais?

No decorrer de todo este fragmento, é possível observar que a professora constrói um diálogo com seu aluno, de maneira a demonstrar que a participação dele é importante na construção do conhecimento. E isso é possível na medida em que ela faz uso de uma das Máximas de Polidez que diz “permita que o ouvinte tome suas decisões” – é a Máxima 2 “Ofereça Alternativas”. Observemos novamente o *corpus*: “O::-OI:::: / não é NÃO?” (linha 2); “perguntei se vocês concordam” (linha 5); “então você pode me dizer onde é que está...?” (linha 7); “o que que tem Lá...?” (linha 9); “um monte de quÊ?” (linha 11); “e eles representam o quê?” (linha 13); “...o que mais?” (linha 19). A professora vai criando, por meio da linguagem, um espaço para expressão do aluno. É importante também notar que nas linhas 7 e 17 a professora usa as expressões “ah:: tá::” e “ah” como se fossem conectivos para dar seqüência ao diálogo.

É possível pensarmos que, ao construir um espaço para expressão do aluno, a professora está, na verdade, ameaçando a face dele devido ao fato de expô-lo. Porém, cabe aqui nos atermos aos aspectos prosódicos, mais especificamente à entonação, que nos permite saber sobre as intenções do falante (se há sentimento de raiva, desprezo, alegria, consideração, deboche etc.). Nas linhas 2 e 7, as expressões “O::-OI:::: / não é NÃO?” e “ah:: tá::” são pronunciadas pela professora em um tom amigável que aproxima o aluno e parece ajudá-lo a não se sentir intimidado. Assim, essas expressões

caracterizam a Máxima de Polidez “M3”, cujo efeito pretendido é que o ouvinte esteja confortável e, ainda, esse efeito dá lugar ao tu que expressa solidariedade.

Nessa interação verbal, a professora poderia ter optado por dar todas as respostas prontas para o aluno, mas ela preferiu contar com a participação dele na construção do conhecimento. É nesse sentido que Lakoff defende que é mais importante evitar a ofensa do que obter clareza, isto é, é mais importante permitir que o ouvinte tome suas próprias decisões (“M2”) e fazer com que ele sintasse bem (“M3”).

Conclusão

É importante esclarecer que apenas o *corpus* analisado neste trabalho não serve como representatividade do que realmente acontece nas interações em sala de aula dos 3^{os} anos do Ensino Médio em escola pública. É importante, ainda, investigar essas mesmas questões em outras escolas que atendem públicos de diferentes níveis sociais (escola pública de periferia; escola particular de periferia; escola pública de região mais nobre; escola particular de região mais nobre), a fim de chegar a uma representatividade que nos permita enxergar melhor como essas questões têm sido lidas em sala de aula.

Aquela classe observada possuía mais ou menos trinta e cinco alunos e o ambiente era de bastante barulho, risadas e conversas paralelas à fala da professora. Esta situação, por si só, já caracteriza uma ameaça à face da professora. Percebemos que, diante da situação de “terror”, ela escolheu atenuar as ameaças por meio da Polidez, abrindo, assim, espaço para expressão do aluno.

Ao fazer uso das estratégias de polidez, a professora certamente correu o risco de ter alunos que aproveitassem de sua atitude para não respeitá-la e até para manipulá-la, formando em sala de aula um ambiente de desordem. Porém, no 2^o fragmento analisado, observamos que ela consegue a adesão do aluno na participação da aula. Parece-me, portanto, que a professora, ao abrir espaço para a argumentação, aumentou a adesão do aluno ao que ela planejava (o ensino/aprendizagem). Isso nos remete às palavras de Chaïm Perelman (1986):

“O objetivo de toda argumentação, já o dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno”.

Se as ações lingüísticas incidem sobre a disposição do outro para agir, é possível, por meio da linguagem, criar estratégias para expressão do aluno em sala de aula. Ao optar pelas estratégias da polidez, a professora abre espaço para que o aluno argumente em situações de conflito.

Assim, por meio do *corpus* analisado, foi possível mostrar a eficácia da polidez como estratégia interacional. Esse trabalho mostrou, portanto, a importância de construirmos no dia-a-dia da sala de aula um ambiente propício para expressão do aluno, isto é, atentarmos aos usos da linguagem, em como são construídos os sentidos a fim de chegarmos a uma melhor interação professor/aluno.

Notas:

2. Foi o filósofo americano H P Grice (1975) quem primeiro se preocupou com a clareza nas conversações. O autor formulou as “Máximas da Conversação”, que funcionam como regras destinadas a que o falante divulgue o conteúdo denotativo de seu ato de fala claramente e com pouca confusão. Segue, abaixo, um esquema representativo das “Máximas de Grice”:

Máximas	Regras
Quantidade	Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerida. Não faça sua contribuição mais informativa do que requerido.
Qualidade	Diga somente o que você acredita que é verdadeiro.
Pertinência	Faça contribuições pertinentes.
Modo	Seja claro; Não seja ambíguo; Não seja obscuro; Seja breve.

3. Conforme a própria autora, existe uma objeção a esta formulação das Máximas de Polidez: o que é aceitável para uma pessoa pode ser grosseiro para outra. Ex:

- a) diz-se que arrotar depois de comer (se a pessoa não foi a responsável por cozinhar) é ser educado, na sociedade chinesa. Mas não é correto em nossa sociedade;
- b) perguntar sobre as posses de alguém pode significar grosseria, porém, pode significar mostrar interesse sobre o seu bem-estar (fazer com que o outro sintam-se cuidado, como um amigo).

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, Pierre. “O que falar quer dizer”. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.
- BRAIT, B. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6^a ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1993, v.1.
- GRICE, H. P. (1982). Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (org). *Fundamentos metodológicos da lingüística: Pragmática: problemas, críticas, perspectivas da lingüística*, p. 81-103, v.4.
- LAKOFF, Robin. La lógica de la cortesía, o acuérdate de dar las gracias. In: JULIO, Maria Teresa e MUÑOZ, Ricardo (Orgs). *Textos Clásicos de Pragmática*. P. 259-278.
- PERELMAN, Chaïm e Tyteca, Lucie. *Tratado da Argumentação*. A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [orig. *Traité de l'argumentation*. La nouvelle rhétorique. Paris, PUF, 1958], p.50.
- SILVA, L. A. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, Dino (org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2^a ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, v.3.
- URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6^a ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1993, v.1.